



Jornalismo colorido:

Um histórico da imprensa homossexual no Brasil¹

Leandro OLIVEIRA²

Marcelo DIAS³

Universidade da Amazônia, Belém, PA

Resumo

Este artigo visa, de forma resumida, mostrar um panorama da historiografia da imprensa homossexual no Brasil; partindo do período de imprensa alternativa até a chamada grande imprensa noticiosa. Os registros de imprensa homossexual no Brasil são recentes, datando da década de 60, onde os movimentos de contracultura se fortaleceram; daí para frente a homossexualidade rompe as barreiras da imprensa alternativa e mostra visibilidade cada vez mais ampla até os dias atuais.

Palavras-Chave: Imprensa; Homossexual; Brasil.

Introdução

Os homossexuais nunca conviveram bem com a sua condição de clandestinidade. A heteronormatividade impõe que as crianças gays se reprimam, os adolescentes se sintam culpados por não gostarem de meninas, os adultos muitas vezes casem com mulheres e continuem escondendo, enquanto puderem, sua homossexualidade. A falta de uma imprensa que trate essas questões de forma decente influencia neste fator? Acredito que sim. Há uma história recente de imprensa voltada para o meio homossexual, que trouxe com elas conquistas para este meio, mas que, efetivamente, contribuiu pouco para a derrubada de preconceitos e estereótipos.

No início, a alternativa

Os primeiros registros da imprensa homossexual no Brasil se dão nos anos de 1960 e 1970, quando os movimentos de contracultura começam a tentar corromper os alicerces fortes do comportamento social e abre espaço para uma desconstrução dos costumes. Dentro da ditadura militar, os movimentos político-democráticos e populares misturam-se e ganham força; e dentro deste contexto surge a imprensa alternativa.

Para Fernando Barroso (2008: p.01):

“O rompimento com a condição de clandestinidade da condição homossexual e o enfrentamento – individual ou coletivo, através dos canais

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática DT 01 - Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade da Amazônia – Unama. E-mail: leoliveira.jornalismo@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor da Universidade da Amazônia (Unama). Mestrando em Linguística e Teoria Literária na Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: marcelo.vieira.dias@gmail.com.



tradicionais de manifestação política ou não – da homofobia parecem estar no cerne da ação visibilizante de tais indivíduos”.

Partindo da idéia de que a condição de clandestinidade precisa ser rebatida, da necessidade de “sair do gueto”, temos os primeiros registros do movimento neste período. Considerado o primeiro jornal homossexual do Brasil, em 1961 surge o “Snob”, de Agildo Guimarães, que circulava, mimeografado, por certo grupo de amigos e era mais um colunismo social que um veículo de discussão de idéias. O mesmo nome seria utilizado por Gilka Dantas um pouco mais tarde, mas com a mesma intenção.

Ente os anos de 1960 e início de 1970, mais de quinze títulos surgiram e morreram, especialmente no Rio de Janeiro, como: *Le Femme*, *Subúrbio a noite*, *Gente Gay*, *Aliança de Ativistas Homossexuais*, *Eros*, *La Saison*, *O Centauro*, *O Vic*, *O Grupo*, *Darling*, *Gay Press Magazine*, *20 de Abril*, *O Centro* e *O Galo*; em Niterói existiram *Os Felinos*, *Opinião*, *O Mito* e *Le Sophistique*⁴.

A cidade de Salvador, atualmente um dos redutos de maior representatividade na luta homossexual para garantia de direitos, também teve grande visibilidade naquela época através da imprensa alternativa. O mais ativo jornalista homossexual da cidade foi Waldeilton de Paula, que editou, dentre outros: *Fatos e Fofocas*, com o diferencial de sair em exemplar único, que circulava de mão em mão durante quinze dias, até voltar ao ponto de origem; *Zéfiro* (1967), *Baby* (1968), *Little Darling* (1970), que se diferenciava pelo fato de alçar vôos mais altos, saindo do até então pastiche de colunismo social, incluindo críticas de cinema e teatro, além de acontecimentos da comunidade homossexual fora do estado. Em 1978, *Little Darling* passa a se chamar *Ello*.

Um grande destaque, dentro da imprensa alternativa, deve ser dado ao jornal *Beijo* (1977), que foi o primeiro a tomar a sexualidade como temática principal; lançando o primeiro grande ataque ao preconceito com que a homossexualidade era tratada, principalmente na mídia.

O grande Lampião da Esquina

Quando Winston Leyland, editor do jornal *Gay Sunshine*, da cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, veio ao Brasil em 1977 levantar material para uma antologia de contos produzidos por escritores brasileiros, provocou uma reunião de artistas e intelectuais que acabou por estimular a criação do jornal *Lampião da Esquina* (que já na segunda edição

⁴ Estes dados foram retirados do artigo “De alternativa a grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil”, apresentado ao GT 09 História da mídia alternativa, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007, de autoria de Marcus Antonio Assis Lima, e este levantamento foi feito dentre os 31 números publicados na Revista *Lampião*.



reduziu-se a Lampião, somente), o primeiro jornal homossexual numa perspectiva política e com circulação nacional.

A redação do Lampião contava com nomes memoráveis, como os de Aguinaldo Silva, Clóvis Marques, Darcy Pentead, Jean-Claude Bernadet, João Silvério Trevisan, Peter Fry, dentre outros.

O jornal apresentava enfoques um tanto quanto inovadores para o discurso homossexual da época: Apresentava poucas figuras, uma diagramação nada inovadora, sóbrios tons de vinho ou verde, e uma sequência de textos que demandava uma leitura atenta. Não buscava fazer o que o próprio jornal chamava de “colunismo social”. Sua leitura que entrelaçava informações culturais, como dicas de filmes, livros ou espetáculos; trazia artigos de contexto mais denso, como o papel da mulher, a perseguição aos homossexuais no período nazista, ou – tocando num assunto polêmico – a questão do prazer sexual.

Já nos números finais, a publicação começou a exibir fotos eróticas, o que antes evitava. Isso tirou muito da credibilidade do periódico, já que pornografia por si só a indústria cultural produzia muito melhor e mais barato.

Infelizmente o jornal que era elegante terminou pornográfico. Sua circulação coincidiu com a explosão pornográfica no país (fim da censura formal), e de uma demanda reprimida e necessitada de pornografia. Até junho de 1981 circularam 31 números de Lampião.

Para sair do alternativo, entra a *Sui Generis*

Aguinaldo Silva, um dos componentes da equipe do Lampião, chegou a afirmar, em entrevista a revista *Sui Generis* que esta não era imprensa alternativa, mas Lampião sim. Este é o panorama do fim do século XX, com boom mercadológico homossexual e a tiragem mensal de 30 mil exemplares da *Sui Generis*.

A revista se lança junto com o conceito mercadológico de GLS (sigla que significa gays, lésbicas e simpatizantes), que viria renovar toda a concepção por trás do marketing de produtos gays, ou voltados para seu público, no Brasil. Começava ali um momento de maior penetração de publicações, antes associadas a um grupo extremamente marginal (leia-se alternativo), num mercado mais amplo e mais visível. Também a proposta editorial da *Sui Generis* favoreceu esse cross over para um mercado mais amplo, pois fugia da fórmula mais comum de periódicos gays, que se baseavam quase que exclusivamente no nu masculino, em contos eróticos e em correspondência amorosa/sexual entre os leitores.

Segundo Marko Monteiro (2000):



“A revista buscou, desde o início, fugir da pornografia, marca registrada de qualquer publicação gay de grande porte até então, para investir numa fórmula mais próxima de títulos gays do exterior (como Attitude, publicação britânica, uma referência constante na redação da Sui Generis), com ênfase em temas de cultura, comportamento e moda. Como relatou Nelson Feitosa, ela buscou um diferencial de qualidade para si mesma, a fim de escapar ao que ele chamou de "gueto" de publicações restritas a um mercado erótico e que sofriam o preconceito generalizado na sociedade” .

Infelizmente a *Sui Generis* encerrou suas atividades no início do século XXI, deixando para o mercado homossexual somente as publicações de conteúdo erótico.

Entra em cena o pornográfico

A partir dos anos 80, a imprensa homossexual no Brasil foi caracterizada pelo pornográfico. Num primeiro momento disfarçadas como revistas de naturismo, pregando uma vida saudável e fisiculturismo, depois se aprimorou em publicações específicas, como Young Pornogay, Gato e etc. Até hoje, embora o caráter seja predominantemente erótico, artigos buscam discutir o papel do homossexual na sociedade.

As representações atuais de maior relevância no mercado atualmente são as revistas Íntima, Júnior, Homens e, principalmente, a G Magazine; esta última, que utiliza de artistas de segundo escalão, jogadores medianos de futebol, modelos famosos e celebridades instantâneas nas suas publicações, é o maior sucesso do mercado editorial gay da atualidade, fazendo muito sucesso também no mercado feminino.

Um destaque para o colunismo social

Como podemos observar, o colunismo social e o movimento LGBT sempre andaram de mãos dadas tanto nas publicações alternativas, como as citadas nos primeiros capítulos deste artigo, como as realizadas em grande imprensa.

Destacando, a partir de agora, o colunismo dentro de imprensa não segmentada, um destaque merecido deve ser dado ao jornalista Celso Curi. Ele foi o responsável pela Coluna do Meio, que a partir de 1976, brincava com personagens de criação própria, contava piada, noticiava acontecimentos locais, e publicava um “Correio Elegante” destinado aos homossexuais dentro do jornal Última Hora, de São Paulo.

A coluna tinha uma participação intensa dos leitores, que participavam das mais diversas formas, porém, com este sucesso, acabou tendo que ser extinta, pressionada por grupos econômicos, leitores, e ainda um processo penal que o jornalista sofreu por conta de atentado ao pudor.



Hoje, no século XXI, encontramos os que sucederam Celso Curi de forma digna, atuando nos jornais das mais diversas formas, como a coluna “Diversidade” no jornal A Tribuna do Brasil, “Gay”, no jornal O Globo, “Cena G”, no Jornal O Povo, etc.

Considerações Finais

Como se vê, a história da imprensa homossexual não se resume somente em pornografia ou colunismo social, como muitos pensam, mas vai além destes, demonstrando um panorama de conquistas adquiridas com o tempo.

Também não se pode afirmar que o colunismo e a pornografia, mesmo as mais aparentemente vazias, não contribuíram para o fortalecimento do movimento homossexual no mundo e a quebra de culturas e preconceitos.

Há que se ressaltar que conquistas no âmbito da imprensa, desde o período alternativo até a grande mídia; porém não esqueçamos de que há importantes paradigmas a serem quebrados neste âmbito, e que há muito o que se conquistar em relação ao combate as opressões na imprensa.

Referências Bibliográficas

ALVES BARROSO, Fernando. **Os homossexuais na mídia segundo Militantes, Acadêmicos e Jornalistas**. Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1652-1.pdf>>. Acesso em 17 abr 2009.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira**. São Paulo: Escrita Editorial, 1991.

LIMA, Marcus. **De alternativa a grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil**. Trabalho apresentado ao GT 09 História da mídia alternativa, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/resumos/R0209-1.pdf>>. Acesso em 11 maio 2009.

MAIA, Rousiley e REIS, Roberto. **Do Pessoal ao político legal: estratégias do jornalismo para enquadrar os movimentos gays**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, Número 30, agosto de 2006. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewArticle/490>>. Acesso em 11 maio 2009.

MONTEIRO, Marko. **O homoerotismo nas revistas *Sui Generis* e *Homens***. Trabalho apresentado no evento *Literatura e Homoerotismo: II Encontro de Pesquisadores Universitários. Uma agenda para os estudos gays e lésbicos no Brasil*. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 24-26 de Maio de 2000. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~marko/ohomoero.htm>>. Acesso em 22 abr 2009.



SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **Memória e discurso** – “O lampião da esquina” e a construção da identidade homossexual. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-14.html>>. Acesso em 17 abr 2009.